

“Miloca que virou David”: intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939)

*Miloca turned David”:
intersexuality in Belo Horizonte (1917-1939)*

Luiz Morando

*Professor Visitante do curso de Letras da UFMG
Doutor em Literatura comparada pela UFMG
luizmorando@gmail.com*



Resumo

O ano de 1917 registrou um curioso caso de pseudo-hermafroditismo em Belo Horizonte: o cirurgião David Corrêa Rabello transformou Emília em David, inaugurando uma série de operações que foram chamadas de “mudança de sexo”. A primeira cirurgia obteve grande repercussão nacional, não apenas nos registros médicos e forenses, como também inspirou Coelho Neto a escrever a peça teatral *O patinho torto*. David Rabello atuou na cidade até seu falecimento, em 1939. Nesse período de 22 anos, mais de 10 casos semelhantes despertaram a atenção dos belo-horizontinos e da imprensa da capital, provocando um debate curioso sobre esses seres de aparência ambígua. Este artigo propõe uma breve apresentação dos casos levantados na década de 1930, discutindo os estereótipos e a percepção construída dos casos.

Palavras-chave: Pseudo-hermafroditismo. Gênero. Representação.

Abstract

In the year of 1917, a curious case of pseudo-hermaphroditism had registered in Belo Horizonte: Surgeon David Corrêa Rabello surgically transformed Emília into David, initiating a series of operations that were called deemed “The sex-change”. The first surgery had great publicity nationwide not only in medical and forensic records, but also inspired Coelho Neto to write the play *O patinho torto*. David Rabello worked in the city until the day of his death in 1939. During those 22 years, more than the similar cases have called the belo-horizontino's and local media's attention, instigating a debate about these beings of ambiguous appearance. This research proposes a brief presentation of cases that arose in the decade of 1930, discussing the stereotypes and the perception that these very cases instilled.

Key-words: Pseudo-hermaphroditism. Gender. Representation.

Mas a verdade é que a sequência de *taes factos* obriga-nos a uma pergunta, que a própria *sciencia*, segundo *suppomos*, não estava apta a responder satisfatoriamente. A pergunta é esta: por que esses episódios só se dão em Belo Horizonte?

Por que nunca lemos que *facto identico* ocorrera em São Paulo, em Porto Alegre, em Blumenau, em Joazeiro ou no Alto Purus. Só e só em Belo Horizonte. (José Clemente)

A cidade de Belo Horizonte, fundada em 1897, possuía, em 1917, aproximadamente 18.000 habitantes em sua zona urbana. Por ser uma capital planejada para atender ideais republicano-positivistas de administração pública e traçada segundo o padrão higienista da época, representado pelas amplas avenidas e um pulmão natural simbolizado pelo Parque Municipal, a vida daqueles moradores transcorria em um clima de pacatez, apenas perturbado pelos sinais de instabilidade gerados pela guerra mundial em curso na Europa, e consequente indisposição com os alemães imigrados, bem como pelos registros de inconformismo dos ouro-pretanos transferidos para a nova capital, apelidada por eles de Poeirópolis.

Nesse clima de relativa tranquilidade, os belo-horizontinos foram surpreendidos pela imprensa com uma novidade espantosa, em outubro de 1917: com um golpe de bisturi, o médico David Corrêa Rabello havia mudado o sexo de Emília Soares, introduzindo-a no mundo masculino como David. Naturalmente, esse fato foi amplamente divulgado pela imprensa da capital mineira, tendo permanecido ao longo de décadas na memória da população por meio de uma espécie de senha propagada, utilizando-se a forma familiar de tratamento de Emília: “Miloca que virou David”. Essa é a frase que se remete instantaneamente, entre as pessoas mais idosas, ao primeiro caso formalmente registrado pela medicina mineira: um indivíduo que – desde seu nascimento, tendo sido criado e educado como mulher, assumira a identidade sociofamiliar de Emília Soares, – fora levado por seu pai ao médico porque, tendo chegado aos 19 anos, ainda não havia menstruado. É compreensível o estranhamento que o caso provocou na população: uma pequena cidade vira um de seus conterrâneos deixar de usar vestidos para usar ternos, além de trocar o nome Emília Soares para David Soares, em homenagem ao médico que promovera o que ficou conhecido como o primeiro caso de mudança de sexo da cidade.

É possível imaginar as agruras pelas quais David Soares tenha passado naquele final de ano e ao longo de 1918. Vamos acompanhar um pouco como a imprensa belo-horizontina divulgou e ajudou a fixar a representação desse fato na memória da população.

Em outubro de 1917, o poeta parnasiano Joaquim Mendes de Oliveira (1878-1918), há anos fixado em Belo Horizonte, trabalhava no *Diário de Minas*, órgão oficioso, no qual assinava na primeira página o rodapé “Buscapês”, uma “seção de trocadilhos e quadrinhas humorísticas” (MENEZES, 1978, p. 497), com o pseudônimo de Pirotécnico. Ao longo do tempo em que manteve seu rodapé (até meado de 1918, quando foi acometido pela gripe espanhola e faleceu), Mendes de Oliveira alfinetou David Soares, como se vê nos exemplos abaixo:

Annuncia-se em Bello Horizonte o phenomeno de haver uma senhorinha virado homem.

Os namorados da *ex-menina* é que escaparam de boa! (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.482, 16/10/1917, p. 1)

A ex-senhorita Miloca declarou à *Gazeta de Notícias* que sempre notou entre *ella* e as mulheres uma grande differença.

E ficamos todos sabendo que a *differença* é grande! (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.484, 18/10/1917, p. 1)

O cavaleiro Gallenio di Marco pretende levar a effeito uma sessão de transformismo no Municipal.

Esta notícia não pôde despertar curiosidade entre nós. Em matéria de transformismo estamos satisfeitos com o do David. (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.532, 14/12/1917, p. 1)

Quem vê cara não vê coração... Este ditado caiu de moda, depois que a Emilia virou David.

Agora o ditado da moda é este: Quem vê cara não vê... documentos. (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.558, 17/01/1918, p. 1)

Sem o recurso do *pistolão*, nada se consegue na Escola Normal do Rio. (Notícia da *Epoca*)

O pistolão na Normal!

Parece que já ouvi

Falar-se de um caso igual

Passado aqui... (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.584, 20/02/1918, p. 1).

Com esses cinco exemplos, pode-se perceber que o tom de exposição debochada, maliciosa, impertinente, na maioria das vezes fundado no duplo sentido erótico da mensagem, alcançava o limite da ofensa, apesar de apegado a um fato cujos protagonistas não tiveram, aparentemente, domínio para controlar sua divulgação. É curioso observar que desde a primeira nota a atribuição de fenômeno ao caso lhe dá distinção: não apenas enquanto algo inédito na ciência local, mas também como uma possível aberração, conforme será visto nas situações posteriores.

As pequenas notas têm a rapidez dos buscapés, de fato. Disparados contra o alvo, revestem-se de ambiguidade erótico-sexual para destacar uma diferença biológica que presumidamente salta aos olhos: a diferenciação sexual. Do ponto de vista do senso comum, o Pirotécnico não parece acreditar que os familiares de Emília não atinassem com “documentos” tão reveladores de seu sexo, finalmente exposto pelo médico. De todo modo, como David Soares não se mudou da cidade, houve um enfrentamento diário de sua nova condição com a repercussão pela imprensa e pela boca do povo. A curiosidade pareceu chegar às raias da impiedade, seja pelos trocadilhos, seja pela perseguição aos desdobramentos do caso.

O cronista do *Correio da Tarde* (ano I, 05/11/1917, n. 1, p. 1), que assinava Terencius (provável referência ao dramaturgo e poeta latino da Antiguidade Clássica), viu nesse “caso inédito” a oportunidade para tirar uma “lição salutar, profundamente moralisadora”: “Os moços podem perfeitamente conservar immaculada e pura, a flor azul da sua inocência juvenil. Nem a moral, nem a fisiologia, nem a hygiene exigem que os jovens se iniciem prematuramente no mysterio doloroso e perturbador da procreação”. O mesmo jornal ainda acompanha, nos dias seguintes, o processo que David Soares impetrou para requerer a expedição de nova “carteira de idade” com seu respectivo sexo atualizado.

Por outro lado, foi muito comum, até o final da década de 1950 e começo de 1960, a prática de o colunismo social divulgar, entre os representantes de certa elite, os aniversariantes do dia, os nascimentos e óbitos, os noivados e matrimônios, os hóspedes ilustres. Revelando, então, a condição social de David Soares, a 10 de janeiro de 1918, o cronista do *Diário de Minas*, que assinava apenas X., registra a crônica que segue parcialmente:

Em annos passados, no dia de hoje, nosso registro social vibrava, illuminado, para noticiar as festas intimas com que a gentil senhorita Emilia Soares commemorava, na véspera, o seu natalício.

Hoje, este mesmo canto de columna se abre para registrar as mesmas festas, transcorridas com a mesmíssima alegria, prestigiadas, talvez, pelos mesmos rostinhos que engrossaram a camaradagem da senhorita Emília, mas agora para homenagear o moço David, capaz, quem sabe?, de arrancar, como o seu homonymo da Bíblia, a queixada de um urso e arrebentar a testa de um Golias...

É que a cystalida tímida e amorável, se fez borboleta arrogante, de adejo forte e... perfil de chanceler.

[...]

Estamos em apostar que hontem, ao menos, o David trocaria as calças que lhe vão mal pela saia, que lhe ia peor.

Tempora mutantur...

Natalícios

Fez annos hontem o intelligente jovem David Soares

Commemorando este acontecimento intimo, David (*né* Emília) reuniu na sua casa as suas antigas amiguinhas e os seus amigos actuaes, aos quaes offereceu um *soirée*, que ocorreu animada (*Diário de Minas*, ano VIII, n. 2.552, 10/01/1918, p. 2).

São constantes o registro e a lembrança, nos textos jornalísticos, de certo processo de metamorfose, no emprego irônico e abusivo do prefixo “ex”; na mudança de vestuário; na atualização dos documentos de identidade; na lembrança, entre parênteses, da origem de seu nascimento; no contraste entre a expressão “gentil senhorita” e a figura forte do David bíblico. Esses registros frequentes parecem deixar a impressão de certo encantamento com esse indivíduo que atravessou a fronteira do sexo, tornando-se homem de um dia para o outro. Na pequena capital mineira de então, David Soares encarnava o mito do indivíduo que, ao passar sob o arco-íris, tinha seu sexo alterado, confrontando a fixidez biológica e científica do binarismo sexual.

No ano seguinte, 1919, o cronista ainda vê a necessidade de identificar David Soares com o aposto “*né* Emília”, de modo a lembrar sua origem e a apontar a seus leitores a rememoração daquele “caso inédito”. O interessante é que, ao acompanharmos a crônica social do *Diário de Minas* ao

longo da década de 1920, bem como de outros jornais ao longo de 1930, também podemos verificar a carreira seguida por David Soares e sua inserção social. Desse modo, em 1921, o cronista festeja os anos do “sr. David Soares, preparatoriano nesta Capital”; em 1923, celebra o “acadêmico David Pereira Soares”; em 1925, David é cumprimentado como “fiscal do imposto do consumo”; a partir de 1929, X. lembra o aniversário do “funcionário da Secretaria de Agricultura”. Essa situação de visível escalada social (o que lhe dá relevo) não se repetirá nos outros casos, como veremos adiante.

Além da imprensa, a literatura também soube aproveitar-se do caso da Emília transformada em David. Na peça teatral *O patinho torto*, Coelho Neto exercita sua veia cômica ao tomar conhecimento desse caso por meio de uma reportagem no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, de 16 de outubro de 1917, intitulada “As surpresas da vida”. No preâmbulo de sua peça, Coelho Neto transcreve uma parte da reportagem como forma de esclarecer a origem de sua obra, “comédia ligeira” que se remete a um “caso authentic” tratado “picarescamente”¹.

Em conjunto à imprensa e à abordagem literária, vale a pena consultarmos a principal voz desse processo: o trabalho acadêmico que o médico David Corrêa Rabello fez publicar para concorrer ao cargo de professor substituto da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em 1918. Em um volume, arquivado no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG, Rabello reuniu duas teses que lhe deram o primeiro lugar no pleito. A primeira intitulou-se *Um caso de malformação genito-urinaria tratado cirurgicamente* e a segunda, *A intervenção cirurgica na Diphteria*.

Na introdução de sua monografia, Rabello (1918, p. 5) deixa clara sua postura ética, referindo que seu estudo apenas fora publicado “após consentimento explícito do paciente”, garantindo, ao mesmo tempo, que David Soares teve “todo interesse em que se [desse] a maior publicidade possível às circunstâncias que envolvem a sua personalidade morphologica e psychica, para que não paire a menor sombra de duvida relativamente às suas possibilidades funcionaes”. Nesse sentido, explica-se a amplitude da divulgação que seu caso recebeu pela imprensa, descambando descontroladamente para a picardia, como vimos acima.

¹ A peça de Coelho Neto foi encenada em Belo Horizonte, pela primeira vez, apenas em 1965. Ainda na capital mineira, a segunda montagem ocorreu em 1971. Em ambas, o texto utilizado foi uma versão atualizada de uma montagem carioca do início dos anos 1960.

Na primeira parte de seu trabalho, o médico assim introduz seu paciente:

Em setembro de 1917, veio-nos ao consultório E. S., conduzida pelo pae, justamente preocupado, declarando-nos que sua filha, embora tendo já atingido os 19 annos, ainda não tinha visto uma só vez o corrimento menstrual.

O aspecto exterior de E. S. é nitidamente masculino: o olhar firme encontrando o do interlocutor sem se desviar, a voz grossa, segura, construindo as phrases perfeitas.

Subiu-nos a escada rapidamente, com o passo firme, característico de quem se apoia com todo o pé e não apenas com a ponta dos sapatos.

É individuo magro, esguio, com traços physionomicos accentuados; grandes olhos, glabella, malares e nariz, fortes; grossos labios e grandes dentes; coberto o queixo e o labio superior de pêlos já abundantes. Tem a cartilagem thyroide perfeitamente nitida e saliente, bem como a saliencia dos musculos sterno-cleidos; as mãos ossudas, os dedos longos com as articulações grossas.

E. S. estende-nos a mão que aperta a nossa firme e tranquillamente; conversando no consultório, enquanto nos presta informações sobre sua pessoa, cavalga naturalmente com a perna esquerda a mesa de exame, o que nos produz logo um gesto de espanto.

E. S., em trajes femininos, dá logo a idea de estar em *travesti*; a *toilette* muito pouca cuidada. A blusa cae-lhe simplesmente sobre o peito inteiramente chato e as saias fogem-lhe sobre as ancas sem nenhum apoio; traz sapatos fortes.

O exame geral não nos dando nenhuma orientação sobre as causas da ausencia do fluxo catamenial, pensamos logo na hypothese de alguma malformação genital (imperfuração do hymen ou outra) tanto mais quanto são de regra as alterações geraes morphologicas e psychicas em individuos de formação genital irregular. Exigimos, portanto, immediatamente o exame gynecologico, que logo nos revelou tratar se de individuo do sexo masculino, sem que houvesse duvida possivel.

Interrogamos o paciente.

Historia pregressa: – Ha na familia, um caso de individuo masculino em quem os orgãos genitales eram pouco

desenvolvidos. Pae e filho dão-nos informações precisas sobre a incongruência das inclinações psychicas de E. S. Desde creança revelou inclinações masculinas accentuadas, preferindo sempre caçar passaros, trepar ás arvores, preferindo pequenas espingardas e pequenos instrumentos a bonecas. Com a idade, entrou a se interessar por cousas de electricidade, installações de campainhas, bicycletas; subia facilmente ao tecto de sua casa para exame de fios electricos, ligações, etc. Matriculando-se na Escola Normal revelou logo grande inclinação pelos estudos de mathematica e sciencias physicas e naturaes e a mais perfeita repugnancia pelos trabalhos manuaes femininos – costuras, trabalhos de agulha, etc., distinguindo-se sempre entre as collegas pela segurança da intelligencia; não raro as molestava involuntariamente pela brutalidade dos gestos, em jogos, brinquedos, etc. Notabilizou-se em sports e tomava a iniciativa de todos os empreendimentos serios, como criação de uma bibliotheca; geria sempre a parte financeira, entrou, para este fim, em relações com um banco, onde fez depositos, levantando-os á medida das necessidades.

Tendo tido educação extremamente cuidada, teve logo grande sociabilidade, mantendo relações cordias com suas collegas de estudo, pelas quaes era geralmente estimado, embora um pouco respeitado e temido. E. S. declara-nos então que sempre o alarmou a violencia dos seus sentimentos por algumas de suas amigas, chegando a ponto de ter insomnias por pequenas questões tidas, em geral, como de somenos importancia, pelas outras; tendo tido crises de ciumes que difficilmente occultava e continha (RABELLO, 1918, p. 7-10).

O cuidado do dr. David Rabello com a descrição do contato inicial com Emília Soares revela, ao menos, dois aspectos importantes para marcar a posição do médico com relação ao caso tão singular na cidade. O primeiro elemento é a necessidade de acentuar a discrepância entre o suposto sexo biológico da paciente e seus traços fisionômicos e morfológicos, a fim de garantir a certeza de seu diagnóstico: a firmeza do olhar, o tom da voz, o modo de caminhar, a penugem sobre o lábio superior e o queixo, a vitalidade do aperto de mão, a saliência do pomo de Adão, a ausência de seios e o quadril sem nenhuma relevância parecem colocar o médico diante de um homem

travestido em mulher. Era fundamental, diante do aparente paradoxo, fazer o exame ginecológico para confirmar no aspecto biológico a suspeita levantada pelos traços exteriores².

O segundo elemento, depreendido da história pregressa que pai e “filha” narram, relaciona-se às marcas socioculturais de gênero reunidas no dia a dia para confirmar a disparidade observada pelo médico. As “inclinações masculinas” reveladas por Emília destacam as evidências de uma dissonância de gênero: as preferências, os desejos, as vontades de Emília não se coadunavam com o que se esperava de seu suposto sexo biológico. Assim, o atestado fornecido por Rabello e a intervenção cirúrgica reparatória sofrida por Emília são sustentados pelos exames morfológico e ginecológico e pela noção de disjunção de gênero observada implicitamente pelo médico.

Um terceiro elemento que pode ser reunido aos aspectos levantados, e que se tornará comum nos casos descritos posteriormente, é o diagnóstico de hipospádia. De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2001, p. 1.539), a hipospádia é uma “deformação congênita das vias urinárias, na qual a abertura da uretra se encontra na face inferior ou ventral do pênis ou, na mulher, dentro da vagina”, não se tratando, portanto, de hermafroditismo. No caso de Emília Soares, conforme exame clínico procedido, sua uretra apresentava-se inteiramente deformada: “Em lugar de se apresentar como um canal fechado indo da bexiga á extremidade do penis, apresenta-se como um canal aberto, antes como uma longa gotteira de abertura inferior, em toda a extensão do penis, e em parte do perineo anterior” (RABELLO, 1918, p. 10-11). Sendo assim, o caso de Emília não era considerado uma “mudança de sexo”, como foi divulgado, mas uma correção por meio de intervenção cirúrgica. A malformação genital do recém-nascido é que levaria à falsa interpretação do seu sexo biológico.

Aqueles que transpuseram o arco-íris

O poeta e cronista Djalma Andrade (1893-1975) foi um contumaz colaborador da imprensa belo-horizontina. Nos primeiros anos de circulação do *Diário da Tarde*, fundado em fevereiro de 1931, assinava a coluna “Cartuchos de festim”, com o pseudônimo Guilherme Tell. Os textos publicados nessa

² O leitor interessado em conhecer a imagem de Emília Soares poderá consultar uma fotografia reproduzida no livro *O desatino da rapaziada*, de Humberto Werneck. Às páginas 8-9 da seção iconográfica, vê-se uma foto das colegas normalistas de Emília, destacando-se a sua figura não apenas pela posição ocupada com relação às outras (na extremidade direita), mas, sobretudo, pela diferença evidente entre sua figura e a das colegas, constatada pela altura, ausência de seios e quadril pouco marcado.

rubrica tinham teor semelhante aos do Pirotécnico, em “Buscapés”. Ao longo de 1935, sob o mesmo pseudônimo, Andrade assinou a coluna “Foguetes de assovio” no jornal *O Debate*. A partir de setembro de 1948, fixado definitivamente no *Estado de Minas*, para o qual colaborou até seu falecimento, em 1975, o poeta publicou com seu próprio nome a coluna “A história alegre de Belo Horizonte”.

Ao longo de sua profusa colaboração na imprensa mineira, Andrade resgatou a história de David Soares. Uma pequena parte de sua contribuição no *Diário da Tarde* foi reunida por ele próprio no livro *Cartuchos de festim*, dividido em duas seções: “Sátiras aos políticos” e “Sátiras às mulheres”. Nesta seção, ele reproduz o segundo caso de hipospadia ocorrido na capital mineira, em data ainda não identificada:

Pela segunda vez, o illustre cirurgião dr. David Rabello, com um golpe feliz de bisturi, transforma uma franzina moça num guapo rapaz (Dos jornaes).

Uma, vá lá, ainda passa;
Mas duas!... já não tem graça...
Ai pobres de nós mortaes!
A gente fica pensando
Que o Rabello, pesquisando,
Ainda póde encontrar mais...

Para evitar taes enganos,
Que até podem causar damnos
E pôr em risco a moral,
Seria bom que o Rabello
Fizesse, com todo zelo,
Uma revisão geral...

Esse grande anatomista,
Que assim mais louros conquista
Com fulgor e brilhantismo,
Mostra de um modo patente,
De uma maneira evidente,
Ser contrario ao feminismo...

Terra de gente disposta
Que as grandes dores arrosta
E que não teme almas vis!...
Destino – tu não nos feres,
Aqui as próprias mulheres
São plenamente viris.

Si os homens examinasses,
Rabello, talvez ficasses
Ainda mais surprezo e triste...
Mulheres encontrarias
E assim tu preencherias
As duas vagas que abriste (TELL, [c.1940], p. 76-77).

Voz ferina, tentando simular leveza e espirituosidade, Djalma Andrade arremata a série de estrofes sugerindo ao médico a busca de mulheres aprisionadas em corpos de homens. O raciocínio de que a reversibilidade é possível – a dois homens mudados em mulheres corresponderiam duas mulheres mudadas em homens – acaba reafirmando a crença de que homossexuais masculinos podem ser transformados para ocupar o lugar de mulheres.

Para confirmar que o caso de Emília persiste no imaginário popular, em maio de 1949, no *Estado de Minas*, Andrade recupera aquele caso, recompondo o texto poético.

O dr. David Rabelo, além de possuir um espírito de rara combatividade, foi um grande operador. Catedrático da nossa Faculdade de Medicina, demonstrando grande habilidade e sangue frio, fez em si próprio uma delicada operação na presença dos seus alunos.

Em 1914 [sic], com um golpe de bisturi, levou para o rol dos homens uma “senhorita” que fizera todo o curso da nossa Escola Normal. Dez anos depois, descobriu outra nas mesmas condições e, com grande pasmo da população, renovou o milagre, modificando a estatística da cidade. A cifra referente de mulheres ia sendo paulatinamente reduzida pelo bisturi do hábil cirurgião.

Um poeta, numa revista local, comentou o acontecimento em duas sextilhas:

Uma, vá lá, ainda passa,
Mas, duas! Já não tem graça
Ai pobre de nós mortais!
A gente fica pensando
Quanto o Rabelo pesquisando
Ainda pode encontrar mais...

Terra de gente disposta,
Nossa Minas tudo arrosta,
Nunca temendo almas vis!
Destarte, tu não nos feres,
Aqui, as próprias mulheres,
São plenamente viris.

O dr. Davi Rabelo achou graça nos versos e escreveu ao poeta, felicitando-o. Apenas não concordou em fazer uma revisão geral na população para acertar a estatística, como sugeriu alguém pelas colunas do *Correio Mineiro* (*Estado de Minas*, ano XXII, n. 9.027, 27/05/1949, p. 4).

A nota que Djalma Andrade dá, 32 anos após a mudança de David Soares e 10 anos após o falecimento de David Rabello, mostra bem a medida de como esse evento ficou fixado na memória popular. Não foi para menos. Apenas na década de 1930, foram sete casos registrados em Belo Horizonte. Na década anterior, foram computados pelo menos dois casos, mas que ainda não conseguimos localizar. A seguir, passaremos a tratar dos casos ocorridos no decênio de 1930.

Em 28 de janeiro de 1933, o *Estado de Minas* destaca, com certo estardalhaço, a história de Maria Ferreira da Rocha, de 20 anos, há pouco mais de um ano morando em Belo Horizonte. Submetida a uma cirurgia para retirada do apêndice, “levantou-se transformada em robusto rapaz”. Vale a pena ler a introdução da reportagem:

O resultado surpreendente de uma banal operação de appendicite

A moça que se deitara na mesa operatória, sob os cuidados do dr.
David Rabello, levantou-se transformada em robusto rapaz

A historia pittoresca de um menino que foi creado por seus paes
como se pertencesse ao sexo feminino

Uma lenda antiga culpa o arco-íris de certas metamorfoses humanas. Diz a superstição popular que o homem que passa sob o arco-íris transforma-se em mulher. E reciprocamente.

No planalto em que foi plantada Bello Horizonte, o arco-íris é um acontecimento raro. Entretanto, o destino parece ter escolhido a capital mineira para palco de suas mais extravagantes e ironicas experiencias.

A população guarda memoria de uma senhorita que, subitamente, com o auxilio do bisturi de conhecido cirurgião, transformou-se em varonilissimo mancebo, hoje casado e exemplar pae de família.

Há pouco tempo, em 1931, um cavalheiro ibérico, “dom” Dorival Rocha Reple, casado e de bons costumes – foi conduzido perante as autoridades policiaes. E não era um cavalheiro: era uma senhora, d. Maria Manuela Perez.

[...]

Tudo isso é alarmante.

Um rapaz desavisado de Bello Horizonte está arriscado a se apaixonar por lindos olhos e macios lábios, compor poemas, “flirtar”, namorar, casar e descobrir que teve ao seu lado um homem tão homem como elle mesmo.

E vice-versa.

Infelizmente, em face da calamidade, não temos para quem apellar. Que o destino se apiede de nós e escolha outro campo para essas brincadeiras de innegavel mau gosto... (*Estado de Minas*, ano VI, n. 1.407, 28/01/1933, p. 8).

O apelo retórico contido na reportagem ecoará ao longo da década, como se pode observar na epígrafe desse texto. Peças pregadas pelo destino, esses casos podem indicar que as aparências certamente enganam e levam a uma confusão inevitável de gêneros, caso os indivíduos não sejam experientes no reconhecimento de seus pares. À lição de moralidade e decoro público pregada pelo Terencius de 1917 acrescentam-se a crítica à liberação dos costumes e a marcha contra o feminismo, reconhecido como um dos motores dessas extravagâncias. Além desses aspectos, pode-se observar ainda o resgate da história de Emília/David, ocorrido há 16 anos, como paradigmático de uma série mais constante na cidade.

Um traço particular que o caso de Maria Rocha ainda levanta é a origem social humilde da maioria das pessoas afetadas pela repentina mudança de sexo. Originária da região rural de Curvelo, a “mulher-homem”, como esses

casos passarão a ser denominados, não sabia explicar por que, possuindo “feição masculina, voz aguda, musculos desenvolvidos, um buço sombreando-lhe o lábio superior”, fora criada como pertencente ao sexo masculino. Essa peculiaridade, como veremos, repetir-se-á em outras situações.

Um ano depois, em fevereiro de 1934, o poeta Djalma Andrade, em sua coluna diária “Cartuchos de festim”, divulgava mais uma ação de David Rabello:

Como de costume, o dr. David Rabello transformou,
hontem, uma menina n'um guapo rapaz

Ser ou não ser... a questão
Pode trazer confusão,
Toda a incerteza de Hamlet...
Somente o fero escarpello
Do doutor David Rabello
Inspira confiança e fé (*Diário da Tarde*, ano IV, n. 915, 23/02/1934, p. 1).

Com frouxo verniz filosófico, a sextilha reafirma o poder de discernimento do médico, de certo modo enaltecendo o lugar da ciência, que o senso comum não tem condições de esclarecer. A manchete do *Estado de Minas* busca associar o caso presente à terminologia científica correta:

Uma brincadeira da natureza...

Mais um caso de pseudo-hermaphroditismo em Bello Horizonte
O bisturi do dr. David Rabello transforma uma menina num robusto
garoto (*Estado de Minas*, ano VI, n. 1.737, 23/02/1934, p. 10).

Pela primeira vez, entre os casos levantados, o termo mais correto naquele momento era utilizado. Tratava-se de uma formação genital precária, que não implicava conflito entre as características genética, fenotípica, gonadal e hormonal do aspecto sexual do sujeito, mas uma malformação na genitália externa suscetível de correção. Por isso, aparentemente o quadro sugere uma formação hermafrodita, na qual haveria a contradição de uma ou mais daquelas características no mesmo corpo³.

³ Na cultura grega clássica, os hermafroditas eram seres resultantes da conjunção celestial entre Mercúrio (Hermes) e Vênus (Afrodite). “Dessa união, resultava um ser com os atributos de ambos os sexos, isto é, com as características somato-psiíquicas femininas e masculinas misturadas” (FARINA, 1982, p. 45). Ainda a respeito do conceito de hermafroditismo e intersexualidade, deve-se consultar o excelente trabalho de Jorge Leite Júnior (2011), *Nossos corpos também mudam*, no qual se discutem aqueles conceitos à luz das teorias *queer*.

Em fevereiro de 1934, o menino de quatro anos, criado como Neuza, passa a ser identificado como Aristides após a intervenção do médico Rabello. Pelo depoimento da criança ao repórter, fica claro que não há conflito psíquico, ausência talvez estimulada pelos pais, que esperavam a idade ou momento adequado para a cirurgia: “Não é verdade que eu era menina. Sempre fui homem, tanto que os meninos com quem sempre brinquei sempre me chamaram de Aristides, que é o meu verdadeiro nome. Não gosto que me chamem de Neuza” (*Diário da Tarde*, ano IV, n. 915, 23/02/1934, p. 4).

Ainda em 1934, três outros casos prenderam a atenção do público. Em abril, o jornal *O Debate* relata a prisão

de um rapaz de 22 anos de idade, de cor preta, de physico pouco desenvolvido, que foi detido pelo administrador do Mercado.

Motivou a prisão do rapaz o facto de se achar o mesmo trajando roupa de mulher, um moderno vestido de “americano” azul marinho.

[...]

Quem é o novo homem mulher?

Trata-se de Alipio Maria Salomé. Como se vê, usa nome masculino e feminino (*O Debate*, ano I, n. 17, 03/04/1934, p. 8).

Esse caso não teve muita duração no interesse público, tanto que o próprio jornal não se estende em sua cobertura. No dia seguinte, o rapaz é dado como portador de doença mental e malformação uretral, sendo necessário proceder à cirurgia. Porém, o curioso é que o repórter também associa a condição de “homem-mulher” à formação mista de seu nome, reunindo antropônimos masculino e feminino, como se isso funcionasse como rótulo que pré-orientasse a conduta do sujeito.

O segundo caso, ainda em abril, diz respeito a Maria de Freitas, de 15 anos, filha do prefeito do então distrito de Vila Paraopeba. Apenas o *Correio Mineiro* dá a notícia da operação cirúrgica, denotando talvez um acordo do prefeito com a imprensa para ocultar a notícia, tendo sido furado por um órgão de imprensa “menor”. Pelo menos é o que se permite deduzir pela produção do jornal e pela caracterização feita por Linhares (1995, p. 243, 245), como “jornal independente e de feição ultramoderna”, consolidador da “imprensa leve e moderna”.

Em junho, é a vez de a servente de um grupo escolar, a também Maria de Freitas, 23 anos, residente em Santa Luzia, submeter-se ao “bisturi

milagroso” de Rabello e “passar a ser um authentic homem”. É o *Estado de Minas* (ano VII, n. 1.825, 07/06/1934, p. 8) que apresenta o relato. Após queixar-se de fortes dores no abdômen à diretora do grupo, esta examinou a funcionária, pensando tratar-se de apendicite, e constatou o “phenomeno”. A reportagem afirma que “pela décima vez, talvez, o bisturi milagroso do dr. David Rabello entrou em ação”. Após a cirurgia, a “ex-moça” foi “muito visitada por diversos curiosos desta Capital e de Santa Luzia, que aqui vieram somente para este fim”.

Com esse encerramento, fica claro que a população se mobilizava por esse tipo de cobertura da imprensa e exercitava seu olhar voyeurístico, não apenas ao vivo, o que diminui seu potencial, mas espreitando o “fenômeno” por meio das narrações e das imagens ilustrativas das reportagens.

Em setembro de 1938, Lagoa Santa dá sua contribuição. Ao longo de nove dias não consecutivos, os jornais cobrem o caso de Maria Marques da Silva, de 27 anos, empregada doméstica. Na primeira reportagem do *Estado de Minas*, verifica-se a revelação bombástica que dá distinção a este caso: “Maria Marques afirma que quer continuar sendo mulher” (ano XI, n. 3.643, 02/09/1938, p. 10). Descoberta pelo médico Lindouro de Avellar, Maria é trazida a Belo Horizonte. Inicialmente, a imprensa alimenta o debate sobre a conveniência da cirurgia contra a vontade da paciente. Na edição do dia 3 de setembro, o *Estado de Minas* reproduz a fala de Maria na manchete: “Se for para virar homem, não me deixarei operar”. Porém, não se respeitou a vontade da paciente. Ignorando a maioria de Maria, o pai autorizou a cirurgia e já no dia 4 de setembro o *Estado de Minas* divulgou: “Maria Marques vae ter barbas e usar paletot. Operada hontem no Hospital São Vicente”.

A nossa reportagem apurou que a moça não queria, de forma alguma, submeter-se á operação, pois o seu maior desejo era continuar a viver como mulher, persistindo nessa resolução mesmo no momento em que era levada para a sala própria.

O dr. Neves Júnior [assistente de David Rabello], reconhecendo ser bastante baixo o nível intellectual da paciente, aguardou que viesse a autorização do pae da mesma para proceder a intervenção, por um desencargo natural de consciência. Tal consentimento veio hontem, sendo portador o dr. Lindouro de Avellar, o primeiro a examinar a jovem.

Apesar de não querer virar homem, Maria Marques já é Mario Marques, pois, desta forma, ficou restabelecido o seu verdadeiro sexo e sanado um erro da natureza (*Estado de Minas*, ano XI, n. 3.645, 04/09/1938, p. 12).

Esses três parágrafos culminam com as ideias centrais que as narrativas apresentadas até aqui contêm: corrigir um (suposto) erro da natureza, restabelecer uma (suposta) verdade, desconsiderar a vontade do/da paciente. A fotografia estampada na reportagem do dia 11 de setembro revela claramente o constrangimento de Maria/Mário. No pátio externo do Hospital São Vicente, ela/ele aparece de pijama, ladeada por quatro homens mais altos. Pelas vestimentas, pode-se inferir que são três médicos e o quarto, possivelmente, seu pai. Ela fixa o olhar no chão e esconde os punhos nas mangas compridas do pijama, retraindo os braços contra o peito. Vejamos o final da reportagem:

Tomando mais confiança com a reportagem, Mario disse que não obedeceram ao seu grande pedido, pois, não queria de forma alguma submeter-se à operação. O seu maior desejo era continuar mesmo como mulher, de vez que assim vivera durante tão longos anos, tendo até se afeiçoado a um primo, de nome Estevão, com quem tinha promessa de casamento.

Contudo, “o mal está feito”, conforme nos declarou, e agora resta-lhe conformar-se com a situação. Procuramos então convencer-o das vantagens de que os homens desfructam, citando, a propósito, vários exemplos.

Mas, mesmo assim elle não se conformava, mostrando-se sem animo para enfrentar a sua nova existência (*Estado de Minas*, ano XI, n. 3.651, 11/09/1938, p. 12).

O caso de Maria/Mário é emblemático sob vários aspectos, a saber: o lugar do paciente face ao homem da lei, no caso, o médico; o conflito de interesses a ser resolvido, sempre pendente para o lado da autoridade médica ou paterna; o discurso do masculino marcando a diferença de gêneros e hierarquizando-os; o foco distorcido sobre a monstruosidade – para os médicos, é necessário corrigir a natureza para a paciente deixar de ser monstro; para a paciente, ela passa a ser monstro ao ter “corrigido” seu corpo, não se conformando com o “mal feito”.

Dois cronistas do período apontam desdobramentos curiosos. Djalma Andrade, ainda encoberto sob o pseudônimo de Guilherme Tell, colaborando com a *Gazeta Mineira*, em sua coluna “Gazeta social”, publica o texto intitulado “O novo Mário”, do qual se reproduz o seguinte excerto:

O photographo conseguiu um flagrante pittoresco: a ex-mulher conversava com o antigo noivo. Accodem à mente do leitor que observa o cliché vários pensamentos. Vê-se, pela figura desajeitada do mestiço, que a infeliz creatura

ainda não se adaptou a sua nova condição. As dobras do paletot cahem-lhe sem elegância no thorax mirrado. Mario Marques não sabe onde collocar as mãos. O chapéo, também, não cobre como devia a sua cabeça pequena e, certamente, sem miolos.

Na photographia o ex-noivo está boquiaberto, a seu lado. Tem-se a impressão de que Mario lhe conta pormenores da operação complicada e transformadora.

Esses golpes de cirurgia podem corrigir velhos enganos, mas collocam as creaturas, por elles atingidas, numa attuação difficil. Criam um terceiro sexo... (*Gazeta Mineira*, ano I, n. 5, 30/09/1938, p. 5).

O tom piedoso, por vezes irônico, expõe a imagem do terceiro sexo construída subliminarmente ao longo dessas narrativas: seres dúbios na maneira como se apresentam no pré-operatório; seres simbolicamente dúbios no modo como passam a se apresentar no pós-operatório, porque são marcados pela exposição pública, pela necessidade de se adaptarem à nova existência e pela “atuação difícil” frente à expectativa levantada sobre seu futuro comportamento.

Em janeiro de 1939, Maria precisou de uma segunda cirurgia, já programada desde a primeira. Ficou dois meses (novembro e dezembro) fora do foco público, quando o cronista e jornalista Moacyr Andrade, irmão de Djalma, sob o pseudônimo José Clemente, clama, em sua coluna “Vida social”, do *Estado de Minas*, por uma atitude corajosa e audaciosa por parte de Maria/Mário.

Marino ou Maria

Marino ou Maria Marques. No Hospital de S. Vicente. Espero que os meus conselhos ainda encontrem você fora da mesa de operações, onde se effectuará a ultima phase de sua transformação em homem. Você já pensou no passo que vae dar? Não me interessa saber o que lhe diz o dr. Lindouro Avellar, o medico de Lagoa Santa, que entendeu de perturbar a sua vida tranquila de mulher simples. Nesse assumpto, não se ouvem médicos, nem amigos. É a própria pessoa quem delibera. É assim como opinião publica, crença religiosa e casamento. Ninguém deve seguir opinião alheia. Cada qual é que sabe o que lhe convem. Eu não estou suggerindo a você cousa alguma, mas apenas desejo que você decida por conta própria, sem influencias estranhas, a respeito do seu novo estado, agora que se aproxima a hora definitiva, enquanto o esterilizador não

está em ebulição. Porque depois é tarde... Você quer mesmo, Maria Marques, de Lagoa Santa, virar homem?

Todos nós hoje em dia andamos mais ou menos na mesma situação em que você se encontra: não sabemos se somos Marino ou Maria...

O seu caso não representaria, portanto, escandalo algum.

É banalíssimo.

Eu, no seu lugar, fugiria pela janella do hospital e deixaria o dr. Lindouro de Avellar e os cirurgiões, internos e enfermeiros, com uma cara deste tamanho... (*Estado de Minas*, ano XII, n. 3.755, 11/01/1939, p. 5).

A opinião, aparentemente libertária, parece revelar uma polêmica que Maria levantou naquela virada de ano. É curioso mesmo perceber que essa condescendência não se verificou em outros casos próximos, na mesma década, nem na década seguinte. Ainda fica por se constatar o que gerou essa convergência de olhares e opiniões tão favoráveis à vontade de Maria/Mário Marques. O que é possível afirmar é que Maria/Mário não ouviu ou não leu a crônica de José Clemente, tendo em vista que, no dia 16 de fevereiro, o *Estado de Minas* divulgava que Mário “reprime com pancada a quem procura menosprezar a sua nova situação de homem e candidato ao casamento” (*Estado de Minas*, ano XII, n. 3.786, 16/02/1939, p. 10). Ou seja, pelo menos a violência física, atributo de gênero destinado ao homem, Mário soube assimilar.

Um mês depois, a 10 de fevereiro de 1939, o médico David Rabello faleceu, gerando comoção popular e homenagens diversas. Quase uma semana após sua morte, novo caso de “mulher-homem” é divulgado. Antonina Ferreira, lavadeira do Grande Hotel, foi diagnosticada como homem ao fazer o exame que lhe permitiria obter a carteira de saúde, requisito para renovar seu vínculo empregatício no hotel. O mais curioso é que uma de suas irmãs já havia sido identificada como “mulher-homem” e sido operada, anos atrás. Para surpresa de todos, Antonina se recusa a submeter-se à operação:

Antonina, para quem a revelação do medico foi uma surpresa, não quer trocar as saias pelas calças e pelo paletó masculinos. Nem quer submeter-se a qualquer intervenção cirúrgica para definição do sexo. Diz que dá-se bem vivendo como mulher e que a metamorphose vae causar transtorno á sua vida.

Resta, porém, ver se as autoridades, scientes do caso, permitirão que continue o Antonino (não a Antonina)

usando roupas do sexo a que não pertence, o que é vedado pela lei (*Estado de Minas*, ano XII, n. 3.786, 16/02/1939, p. 10).

De fato, o *Código Penal dos Estados Unidos do Brazil*, de 1890, no Livro III, Capítulo VIII – Do uso de nome suposto, títulos indevidos e outros disfarces –, em seu artigo 379, punia “disfarçar o sexo, tomando trajes impróprios do seu, e trazê-los publicamente para enganar”. Porém, não se sabe o que ocorreu com Antonina Ferreira, cujas notícias não retornaram ao enfoque do jornal.

De todo esse quadro traçado na década de 1930, é importante pelo menos mencionar as linhas transversais que atravessam essa série de narrativas de “homem-mulher”. O imaginário popular foi alimentado ao longo do tempo, criando a impressão de que Belo Horizonte era uma cidade onde era possível ocorrer qualquer situação esdrúxula, como segue na introdução à reportagem sobre Antonina.

Ante uma serie de factos sensacionaes e invulgares registrados pela imprensa de Bello Horizonte e transcriptos pelos jornaes de todo o Brasil, certo chronista carioca escreveu que quando vir em “manchette”, – “Uma senhora deu á luz um batrachio” – não terá necessidade de ler a noticia para saber que se trata de facto registrado em Bello Horizonte, occorrido nesta cidade ou em outro local de Minas, mas sempre noticia de Bello Horizonte. São as mulheres que se tornam homens, são homens que se alimentam de terra da casa velha, é o bode que dá leite, são duas mulheres casadas como esposo e esposa, é o médium Chico Xavier fazendo revelações sensacionaes (*Estado de Minas*, ano XII, n. 3.786, 16/02/1939, p. 10).

Essa teia também foi fundamental para criar um substrato social que avança pelas décadas seguintes no que concerne à construção de imagens e representações sobre as homossexualidades na cidade. Por isso, é inevitável mencionar, rapidamente, o caso das duas mulheres casadas. Em setembro de 1931, após estar estabelecido havia 15 meses na cidade, o casal Dorival Rocha Reple e Adelina Aversani foi denunciado à Delegacia de Costumes da capital mineira por falsidade ideológica. De fato, após exame, Dorival é identificado como Maria Manuela Perez. As duas mulheres haviam se casado em 4 de maio de 1930, em Ribeirão Preto, e imediatamente se fixado em Belo Horizonte, onde Dorival trabalhava como alfaiate.

Em maio de 1934, o artista Norberto A. Aymonino apresentou *show* de transformismo para grande público sob o nome artístico de Aymond. Em

trocadilho com a adolescente de Vila Paraopeba que se fizera operar em abril daquele ano, os jornais anunciavam: “Paraopeba deu-nos a mulher-homem!... Aymond, em sua arte, é Homem e Mulher!”. Seus espetáculos garantiram um grande número de pessoas, com sessões esgotadas no único teatro da cidade – o Municipal (futuro Cine Metr pole) – e, posteriormente, nos melhores cinemas (Cine Teatro Brasil, Avenida, Floresta).

Em dezembro de 1934, foi noticiado que uma moradora da cidade, presa em flagrante, travestia-se de motorneiro de bonde para mais facilmente encontrar-se com o namorado   noite.

Em maio de 1938, foi divulgado com grande repercussão que Domingos Cataldi, 33 anos, casado com Carmem Cataldi, vendedor de bilhetes do bicho no Rio de Janeiro, sofrera enfarte na rua, enquanto trabalhava. Levado ao hospital, não resistiu e morreu. Ao se fazer a autopsia, verificou-se que Domingos era mulher!

Esses casos se entrecruzam  s narrativas locais, formando uma rede que alimenta supersti es, piadas, ditos maliciosos, desconfianças, bem como a imagina o e a curiosidade sobre o outro.

Referências

- COELHO NETO, Henrique M. *O patinho torto*. Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 1924.
- CLEMENTE, José. Ser ou não ser. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, ano XII, n. 3.789, p. 5, 19/02/1939.
- FARINA, Roberto. *Transexualismo: do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias*. São Paulo: Novaluna, 1982.
- HIPOSPADIA. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1.539.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção cãs categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.
- LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995. (Coleção Centenário).
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. rev., aum. e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- RABELLO, David. *Theses para o concurso de professor substituto da 12ª secção – Faculdade de Medicina de Bello Horizonte*. Bello Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1918.
- TELL, Guilherme (pseudônimo de Djalma Andrade). *Cartuchos de festim*. Belo Horizonte: Livraria Morais, [c.1940].
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1998.

